



Ele nosso que
Machado de
de qual todos
temos orgulho
e eu...
Auda
L. Na
Londres

Joaquim Nabuco

Joaquim Nabuco

CONSTÂNCIO ALVES

Terceiro
ocupante da
Cadeira 26
na Academia
Brasileira de
Letras.

O seu nome foi a preocupação absorvente da cidade nestes últimos dias.

A todos eles envolve e liga o mesmo sentimento, estendendo-se à semelhança de um crepe, de coluna a coluna de um templo.

Outros temas que fluíssem a este folhetim teriam que se deter para que passasse o cortejo mortuário e glorioso de Nabuco, assim como se interrompeu, até que ele desfilasse nas ruas e praças, a trivialidade diária do trânsito público.

Aqui, porém, não se estenderá esse préstito no seu imponente recolhimento e na sua grandeza evocativa.

Faltava-lhe, para revivê-lo, um pincel como o do morto, que, há 20 anos, inspirando-se na dor nacional, perpetuou em três artigos do *Jornal do Brasil*, três painéis de sombria beleza, a última viagem do último Imperador do Brasil, desde o Sena até o Tejo, de um exílio para outro exílio.

Só um artista que possuísse a sua imaginação poderia fixar a variedade de aspectos, a diversidade de cenários, as notas sugestivas de

* ALVES, Constâncio. *Figuras*. Rio de Janeiro: Edição do Anuário do Brasil, 1921.

emoções complexas e a majestade dessa peregrinação derradeira que se continua pelo mar em fora.

Veríamos assim a reprodução de uma realidade que se vai extinguindo e que merecia perdurar. Seria uma série de estampas que o colecionador acrescentaria à *Minha Formação*, álbum de grande arte, em que o autor reuniu tantas imagens de sua existência e de sua alma, imagens que são belas porque são fiéis. Teríamos, num todo harmônico, uma galeria em que as cenas da morte seriam o complemento adequado aos episódios da vida.

O destino, que tantas vezes se nos mostra sob a feição de dramaturgo desastado, obedeceu, no tocante a Nabuco, à lógica que deve reger o drama humano. Nabuco morreu em sua pátria (porque as embaixadas e os navios de guerra são trechos do solo natal), e nesse pedaço do Brasil longínquo, encravado em terra estranha, recebeu homenagens que transbordam dos limites do protocolo e anunciam que o homem que desapareceu excedia a elevação do seu cargo.

Os diplomatas que lhe cercam a atitude e o governo norte-americano, que lhe prestou honras maiores que as que a etiqueta marca, cumpriram neste lance deveres que não são exclusivamente oficiais. Eles representaram nesse momento a consciência universal, junto ao cadáver daquele que, sem prejuízo do seu patriotismo, se devotara à humanidade e a seus grandes ideais, e cuja influência benéfica se fez sentir longe do seu país, que amara com fervor e servira com fidelidade, heroísmo e brilho. É sabido que, visitando Nabuco a Câmara dos Deputados de Portugal, aí recebeu demonstrações de apreço sem precedentes. Por proposta do grande orador Antonio Candido, foi admitido no recinto e sentou-se entre os representantes da nação.

Para mais solenizar essa visita, o eminente chefe político Sr. Julio de Vilhena apresentou uma proposta convidando o governo a suprimir o castigo das varadas nas praças de pretos e nos indivíduos a ela equiparados.

Aproveitemos o dia em que entrou nesta casa o orador — disse o Sr. Julio de Vilhena; mostremos-lhe que compreendemos a causa nobre que defende, aprovando esta moção, para que ele vá referir à sua pátria que a Câmara

dos Deputados encerrou a sessão de 8 de Janeiro de 1881 proclamando a abolição dos últimos vestígios da escravidão nas possessões ultramarinas.

Ninguém esqueceu que Nabuco muito se esforçou perante Leão XIII para que o papado auxiliasse o movimento abolicionista no Brasil. Sua Santidade deu, com efeito, ordem para que a barca de S. Pedro seguisse na esteira da jangada de Francisco do Nascimento. Mas, quando a velha embarcação começou a se mover, tinha já rompido a aurora de 13 de maio. Tardio foi o socorro para os escravos do Brasil. O que não serviu, porém, aos nossos infelizes patrícios aproveitou a seus irmãos africanos. Nabuco, conforme declarou testemunho valioso, preparou com o seu apostolado junto ao Papa o caminho ao Cardeal Lavignerie e à sua causa benemérita.

Esse patrocínio voluntário e eficaz em favor de clientes desconhecidos, que certamente ignoravam a existência do seu benfeitor, esses triunfos alcançados pela simples ação de presença de sua bondade e a irradiação de sua alma perfeita em atos e obras que exprimem sentimentos da mais vasta humanidade deram-lhe direito a esse amor que se manifestou nas cerimônias da embaixada, nas exéquias da igreja de São Matheus, em Washington, e que se prolongaram na viagem do *North-Carolina*, comboiado pelo Minas Gerais.

Então, é um panorama, que incessantemente se muda, a melancolia e a soleidade desse enterro marítimo, em que o seu corpo vem trazido por brasileiros e estrangeiros, exprimindo a composição desse acompanhamento o alcance daquela morte.

E, para dar mais significação a essa homenagem, para acentuar o caráter de universalidade dessa dor, são marinheiros os que conduzem o morto; marinheiros a que Nabuco consagrara uma página eloquentíssima no seu *Balmaceda*, louvando-lhes o caráter particular do seu patriotismo, a sua simpatia pelas ideias e pelas coisas universais:

A luta do homem do mar – disse ele – é na maior parte do tempo contra os elementos, pelo menos o era na antiga marinha de vela, da qual ele vem, e

isso imprime à sua energia um caráter de grandeza que amesquinha as dissensões civis. Para um sentimento se apossar do seu coração, é preciso que tenha alguma coisa de vasto, de insondável. O oceano é o molde em que é lançada a sua individualidade. Dalí resulta uma grande extensão de horizonte interior. Ele tem o sentimento da pátria, unitário, nacional, impessoal; por isso as velhas tradições do país conservam-se vivas nos navios depois de quase apagadas em terra.

E o sulco que abrem as quilhas dos dois vasos de guerra é no oceano que se poderia chamar o do cativo, assim como ele denominou o Parahyba o rio da escravidão. Nabuco repassava, em seu leito de repouso final, nas mesmas águas que outrora atravessara na agitação do seu apostolado humanitário, para ir a Roma pedir a bênção da Igreja em favor dos cativos, para ir a Londres expiar num obscuro exílio voluntário o crime da fidelidade a seus princípios. E a sua imaginação de historiador e de poeta – que povoava os teatros desertos do passado, que ressuscitava cortejos extintos, que animava para a ação os heróis e para a eloquência os oradores, que levantava César com a sua ambição, que recolocava Cícero na sua tribuna – quantas vezes não espalhou por aquele mar as naus do tráfico e não compôs o coro de maldições e de gritos de vingança dos cativos que a voz do vento cobria.

Mas então era o tempo da guerra pela libertação.

Hoje, se a fantasia quisesse comunicar ao Atlântico uma alma composta de todas as almas dos que se libertaram no seu seio, para que ele sentisse e vibrasse ao contato do túmulo flutuante de Nabuco, mais grato seria ao espírito do abolicionista que, em vez de sombras ainda irritadas pela injustiça e misturando imprecações aos algozes com preces pelo benfeitor, lhe aparecessem somente fantasmas serenos, murmurando bênçãos, vivificados só por aquela piedade que ele via “nos santos pretos” e que dava um toque de fulgor sobre-humano às lágrimas de suas agonias.

Tamanho era o desejo de apaziguamento, logo após as batalhas necessárias, tão intensa era nele a vontade de ver a concórdia reinando entre os homens!

A confraternidade era o ideal a que serviu até a morte; e até além dela. Não foi um motivo para que o Brasil se aproximasse mais dos Estados Unidos o enterro do nosso embaixador, em que dois povos se irmanaram no mesmo luto e se ajudaram a carregar o mesmo esquife, nessas cerimônias em que, como disse Nabuco das de D. Pedro II, a imponência do espetáculo “substituiu a ideia da morte, que é triste, pela da imortalidade, que é radiante”?

O intuito de se consagrar mais de perto à divulgação dessas ideias entre os que se preparam aqui para a vida pública era uma das razões que nos últimos tempos arrastavam Nabuco para a sua pátria.

“Minha ambição neste final, escrevia a um amigo, seria falar à mocidade, semear os sentimentos com que já agora hei de partir da vida e que, portanto, para mim são eternos”.

.....

“A maior glória de todos é formar discípulos, isto é, reviver politicamente em outra geração, prestando ainda serviços ao país. Receio, porém, que a ambição seja demasiada para mim agora”.

Não lhe foi permitido redigir o seu testamento político, encetar uma nova campanha gloriosa. Mas, na falta dessas derradeiras palavras, encontrará a mocidade, na vida e nas obras desse homem superior, estímulos de perfeição moral e intelectual, o bastante para guiar o espírito e formar o caráter.

A sua carreira política começou pela advocacia dos cativos, que nunca tiveram melhor patrono nem pela sinceridade, nem pela eloquência, nem pelo espírito de sacrifício.

Por eles, quando os viu livres, condenou-se a um cativo de dez anos.

Liberto das cadeias com que se algemara voluntariamente, empregou as mãos livres em serviço da pátria no exterior.

Político e artista, fundiu as qualidades dessas duas vocações, que nem sempre andam associadas, no monumento que levantou à memória do seu pai e do reinado em que ele desenvolveu a sua atividade de estadista.

Orador, poeta, pensador, historiador, talento de todas as facetas, deu à sua existência a beleza de uma obra de arte. Fotografou a sua fisionomia inconfundível em páginas das mais belas da língua de Camões e da de Renan.

Na sua prosa francesa, Faguet encontrou o fulgor de Chateaubriand; nos seus versos franceses, ouviu Jusserand a sonoridade dos de Cornell.

Se toda a sua obra não contém a sua alma, se toda a sua vida não se acha registrada e explicada completamente, o que resta de uma e de outra, pela sua elevação e pela sua formosura, garante-lhe o direito de perdurar, e consola um pouco os que o amaram, com a esperança de que se realize a sua ambição de guia de mocidade.

14 – abril – 1910.

Carta de Graça Aranha

GRAÇA ARANHA

Fundador da
Cadeira 38
na Academia
Brasileira de
Letras.

Paris, 20 de janeiro de 1910.

Minha Heloisa,

A morte de Nabuco é para mim a perda do meu melhor amigo. A minha dor não se exprime. Depois daqueles que me são mais ligados pelo amor e pelo sangue, foi ele quem me amou mais na vida e a quem eu dei mais. Eu fui tudo para ele. Seu confidente, seu irmão, seu próprio eu em outra geração, seu ídolo, sua esperança. Ele foi para mim o primeiro dos homens de nossa pátria, o mais completo, o mestre, o guia, o exemplo, a admiração e o entusiasmo.

Como tu amas tudo o que eu amo, eu sei que a sua incomparável memória não morrerá no teu coração. Ele te amou e te admirou. Tu lhe sorrias iluminada, tu foste para ele algumas vezes o símbolo da Aurora. Sorri sempre para ele, mesmo depois da sua morte. Ele só merece sorrisos.

Estou triste, profundamente triste, envolto numa inexplicável saudade, mas não estou desesperado. O melhor meio de amar o Amigo

que me deixou é dominar o abatimento e consagrar à sua memória as grandes energias do meu ser. Ele me queria forte, grande, soberano; eu o serei, e por ele farei o que ele desejava que eu fizesse.

Mamãe tem tido pena de mim. E nós te abraçamos, doce e querida filha.

Teu Pai.

Graça Aranha.

À margem da “Canção do Exílio”

AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA

Quarto ocupante
da Cadeira 30
na Academia
Brasileira de
Letras.

Discorda Manuel Bandeira do receio da ênfase que levou José Veríssimo a chamar “quase sublime” à “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias. Admirando irrestritamente o poema, Bandeira não vê razão para o “quase”. Embora eu não morra de amores pelo *sublime*, estou de acordo com o poeta de *A Cinza das Horas*. Afinal de contas, o bom ou mau gosto do qualificativo é questão pessoal: o certo é que a ideia nele contida me parece bem ajustada àqueles versos de 20 anos, de uma beleza tão simples e tão alta.

Esta simplicidade será uma das razões mais seguras da boa fortuna da “Canção”. Pela altura de 1943 ocorreu o centenário dela: viu-se que ainda estava bem viva, a ponto de ter recebido festas em sua honra, promovidas por aquele excelente Nogueira da Silva, um possesso da glória de Gonçalves Dias, e que parece só haver mesmo esperado a comemoração para liquidar contas com a vida.

* In: *Território Lírico*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1958.

Refletindo no segredo de tal simplicidade, vejo que ele reside em mais de um ponto. O principal é talvez o seguinte: a ausência de qualificativos. A falta desse elemento valoriza de maneira singular os substantivos do poema, dando-lhes relevo, dilatando-lhes a sugestão emocional.

Leia-se na íntegra a poesia:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores

Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Observe-se: além dos conectivos – *onde, que, como, sem que, por, para* – tudo o mais são substantivos (ou pronomes pessoais) e verbos, elementos básicos da oração; advérbios de lugar – *aqui, cá* (a terra do exílio) e *lá* (a pátria distante); possessivos – *minha, nosso* – e o quantitativo *mais* (aqueles e este repetidos tantas vezes); e, por fim, o *não*. Nada de qualificativos.

Quanto aos possessivos e ao quantitativo, a presença deles basta para sugerir a antítese: “minha terra tem palmeiras” (e subentende-se: *e esta terra não as tem*), ou o segundo elemento da comparação: “Nosso céu tem mais estrelas” (*do que o céu desta terra*); “Mais prazer encontro eu lá” (*do que aqui*). Só duas vezes a comparação, ou correlação, aparece integral: “As aves, que aqui gorjeiam, / Não gorjeiam como lá”, e “Minha terra tem primores, / Que tais não encontro eu cá”.

O *não*, nestes dois casos, serve para mostrar a inferioridade da terra de exílio; e no terceiro e último – “Não permita Deus que eu morra” – indica o receio do poeta de morrer sem tornar a ver o chão natal.

Alguém poderá lembrar-me que *sozinbo* figura no poema e é um qualificativo. A rigor, porém, não merecerá tal denominação: falta a *sozinbo* (como a *só*, está claro) a essência pictural característica das palavras daquela categoria, como, por exemplo, *azul, branco, bom, forte, largo, rico*.

E por que razão a ausência de qualificativos valoriza tão fortemente os substantivos do poema, conforme foi dito? Porque o poeta usou de substantivos carregados, já por si, de um denso conteúdo sugestivo – seres e coisas da natureza, na maioria, ou abstrações: elementos que, assim despojados, nus, ganham fundo em intensidade; que se fazem valer melhor por si sós: *terra, palmeiras, Sabiá, aves, céu, estrelas, várzeas, flores, bosques, vida, amores, noite, prazer, primores, Deus*.

De tais elementos o mais importante é *Sabiá*, que, por sinal, Gonçalves Dias escreveu com inicial maiúscula. *Sabiá* aparece quatro vezes na poesia, e rimando com as palavras *cá* e *lá*, de tão vivo poder de sugestão, pois designam, respectivamente, o país estrangeiro e a terra natal.

Repare-se, agora, na posição destas palavras — *Sabiá*, *cá* e *lá* —, seguramente as mais importantes do poema, ao lado de *terra* e *palmeiras*: posição de relevo, em fim de verso; a mesma do vocábulo *palmeiras*, quatro vezes empregado.

Na segunda estrofe, o encadeamento, somente usado nela e, em parte, na última, contribui para a variedade, quebrando o que poderia haver de monótono pela insistência em determinados efeitos de repetição e criando novo efeito.

Com exceção dos substantivos finais da segunda estrofe — *estrelas*, *flores*, *vida*, *amores* —, precedidos do quantitativo *mais* para fim de comparação (a qual, como se viu, fica subentendida), todos os demais substantivos de fim de verso vêm desacompanhados de adjetivos de qualquer natureza. Por outro lado, todos os substantivos usados em meio de verso, fora *aves*, acham-se modificados por um adjetivo: “*minha terra*”, “*nosso céu*”, “*nossas várzeas*”, “*nossos bosques*”, “*nossa vida*”, “*mais prazer*”. O próprio *aves* está modificado por uma oração adjetiva: “que aqui gorjeiam”.

Na lista de substantivos do poema inclui *noite*. Normalmente, talvez não devesse fazê-lo, pois o termo é parte integrante de uma locução adverbial. Mas a palavra, aliada ao *sozinho*, traduz tão poderosamente o abandono do poeta que a sinto como obstinada em não se diluir no conjunto da locução. E quanto a aquele *sozinho*, *à noite* é fundamente sentido (as cismas noturnas, na solidão do exílio!), é o mesmo Gonçalves Dias quem o mostra: usando-o por duas vezes, da segunda procura dar-lhe relevo, ladeando-o de travessões.

Vejamos a admirável técnica da repetição.

Dos 24 versos do poema, nada menos de sete (o 11.º, o 12.º, o 15.º, o 16.º, o 17.º, o 18.º e o 24.º) repetem na íntegra versos anteriores, e quatro (o 13.º, o 21.º, o 22.º e o 23.º) são repetições parciais.

Os elementos da segunda estrofe, paralelística, não se reiteram nunca.

A terceira estrofe constitui-se de dois versos novos, mais os dois iniciais da primeira.

Na quarta nota-se a repetição quase integral do primeiro verso do poema, com a simples mudança de *palmeiras* em *primores* (palavra esta, por sinal, em que a primeira letra de cada sílaba é exatamente a mesma que em *palmeiras*, fato possivelmente intencional); depois, um verso inteiramente novo – “Que tais não encontro eu cá” – e a repetição de toda a estância anterior, constituindo-se assim uma sextilha.

A última estrofe, sextilha também, admirável de sentimento, é um achado de poética: um verso formado de palavras inteiramente novas; outro em que aparece uma das constantes mais poderosas do poema – *lá*; dois que repetem parcialmente o I3.º e o I4.º, terminando o segundo deles com outra constante das mais valiosas – *cá*; no penúltimo verso, a repetição de nova palavra de igual natureza – *palmeiras*; por fim, integralmente, o verso mais repetido de toda a composição; o único, pode-se dizer, em que se apresenta um ser vivo, o Sabiá – a nota mais típica da terra pátria. O único, sim; porque *aves*, nome também de ser vivo, é usado assim, genericamente, no plural, uma só vez, apenas para, desenvolvendo a ideia de que no lugar do exílio não havia o Sabiá, poder o poeta frisar que as mesmas aves comuns aos dois países gorjeiam na terra natal com maior beleza.

Ainda mais: o encadeamento, desprezado na terceira e na quarta estrofe, retoma aqui, na última, o seu lugar, utilizando agora o autor um expediente de efeito: a aliança daquele processo de repetição – elemento tão largamente valorizador do poema – “Sem que eu volte”, “Sem que desfrute”, “Sem qu’inda aviste” (uma sequência só interrompida pelo antepenúltimo verso – “Que não encontro por cá”) – com a iteração, no fim de cada um dos versos começados por “Sem que”, de palavras-temas várias vezes repetidas ao longo da composição – *lá*, *palmeiras* – e *primores*, empregada uma vez antes. E se, no encadeamento, a sequência perfeita é quebrada por aquele antepenúltimo verso – “Que não encontro por cá” – a arte do poeta fez que ele fosse quase uma repetição integral, e talvez melhorada, do “Que tais não encontro eu cá”.

Abril de 1944.

**PATRONOS, FUNDADORES E MEMBROS EFETIVOS
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**

(Fundada em 20 de julho de 1897)

As sessões preparatórias para a criação da Academia Brasileira de Letras realizaram-se na sala de redação da Revista Brasileira, fase III (1895-1899), sob a direção de José Veríssimo. Na primeira sessão, em 15 de dezembro de 1896, foi aclamado presidente Machado de Assis. Outras sessões realizaram-se na redação da Revista, na Travessa do Ouvidor, n.º 31, Rio de Janeiro. A primeira sessão plenária da Instituição realizou-se numa sala do Pedagogium, na Rua do Passeio, em 20 de julho de 1897.

CADEIRA	PATRONOS	FUNDADORES	MEMBROS EFETIVOS
01	Adelino Fontoura	Luís Murat	Ana Maria Machado
02	Álvares de Azevedo	Coelho Neto	Tarcísio Padilha
03	Artur de Oliveira	Filinto de Almeida	Carlos Heitor Cony
04	Basilio da Gama	Aluísio Azevedo	Carlos Nejar
05	Bernardo Guimarães	Raimundo Correia	José Murilo de Carvalho
06	Casimiro de Abreu	Teixeira de Melo	Cícero Sandroni
07	Castro Alves	Valentim Magalhães	Nelson Pereira dos Santos
08	Cláudio Manuel da Costa	Alberto de Oliveira	Cleonice Serôa da Motta Berardinelli
09	Domingos Gonçalves de Magalhães	Magalhães de Azeredo	Alberto da Costa e Silva
10	Evaristo da Veiga	Rui Barbosa	Lêdo Ivo
11	Fagundes Varela	Lúcio de Mendonça	Helio Jaguaribe
12	França Júnior	Urbano Duarte	Alfredo Bosi
13	Francisco Otaviano	Visconde de Taunay	Sergio Paulo Rouanet
14	Franklin Távora	Clóvis Beviláqua	Celso Lafer
15	Gonçalves Dias	Olavo Bilac	Pe. Fernando Bastos de Ávila
16	Gregório de Matos	Araripe Júnior	Lygia Fagundes Telles
17	Hipólito da Costa	Silvio Romero	Afonso Arinos de Mello Franco
18	João Francisco Lisboa	José Veríssimo	Arnaldo Niskier
19	Joaquim Caetano	Alcindo Guanabara	Antonio Carlos Secchin
20	Joaquim Manuel de Macedo	Salvador de Mendonça	Murilo Melo Filho
21	Joaquim Serra	José do Patrocínio	Paulo Coelho
22	José Bonifácio, o Moço	Medeiros e Albuquerque	Ivo Pitanguy
23	José de Alencar	Machado de Assis	Luiz Paulo Horta
24	Júlio Ribeiro	Garcia Redondo	Sábato Magaldi
25	Junqueira Freire	Barão de Loreto	Alberto Venancio Filho
26	Laurindo Rabelo	Guimarães Passos	Marcos Vinícios Vilaça
27	Maciel Monteiro	Joaquim Nabuco	Eduardo Portella
28	Manuel Antônio de Almeida	Inglês de Sousa	Domício Proença Filho
29	Martins Pena	Artur Azevedo	Geraldo Holanda Cavalcanti
30	Pardal Mallet	Pedro Rabelo	Nélida Piñon
31	Pedro Luís	Luís Guimarães Júnior	Moacyr Scliar
32	Araújo Porto-Alegre	Carlos de Laet	Ariano Suassuna
33	Raul Pompéia	Domício da Gama	Evanildo Bechara
34	Sousa Caldas	J.M. Pereira da Silva	João Ubaldino Ribeiro
35	Tavares Bastos	Rodrigo Octavio	Candido Mendes de Almeida
36	Teófilo Dias	Afonso Celso	João de Scantimburgo
37	Tomás Antônio Gonzaga	Silva Ramos	Ivan Junqueira
38	Tobias Barreto	Graça Aranha	José Sarney
39	F.A. de Varnhagen	Oliveira Lima	Marco Maciel
40	Visconde do Rio Branco	Eduardo Prado	Evaristo de Moraes Filho

Petit Trianon – Doado pelo governo francês em 1923.
Sede da Academia Brasileira de Letras,
Av. Presidente Wilson, 203
Castelo – Rio de Janeiro – RJ





COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 12/16 PT; CITAÇÕES, 10.5/16 PT.